

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**O USO DE MEMES NAS AULAS DE INGLÊS:**  
**RESSIGNIFICANDO AS LEITURAS NA SALA DE AULA DA ESCOLA**  
**PÚBLICA**

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2020**

**THAINNÁ MELO NUNES**

**O USO DE MEMES NAS AULAS DE INGLÊS:  
RESSIGNIFICANDO AS LEITURAS NA SALA DE AULA DA ESCOLA  
PÚBLICA**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Licenciatura  
em Letras Português-Inglês da  
Universidade Federal de Sergipe,  
como um dos pré-requisitos para a  
obtenção do grau de Licenciada em  
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Karina  
de O. Nascimento

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2020**

## **O USO DE MEMES NAS AULAS DE INGLÊS: ressignificando as leituras na sala de aula da escola pública<sup>1</sup>**

### **RESUMO:**

Considerando o papel imprescindível dos memes na vida da sociedade contemporânea, esta pesquisa tem como principal objetivo analisar a utilização de memes nas aulas de inglês de uma escola pública da capital de Sergipe, assumindo-o como uma forma de texto multimodal. Para isso, este trabalho se baseia em Boa Sorte (2019), Dawkins (1976) e Lankshear e Knobel (2007) para entender o conceito de memes e multiletramentos. A metodologia desta pesquisa é prática com abordagem qualitativa, partindo dos princípios da etnografia. O estudo se deu a partir da regência de aulas de inglês que tinham como foco trabalhar com memes a partir da sua multimodalidade, contando ainda com a aplicação de dois questionários, sendo o prévio para obter informações sobre a relação dos alunos com a língua, as tecnologias digitais e os memes. O último questionário, aplicado após o período de regência, buscou investigar como os alunos se sentiram ao trabalhar com memes nas aulas de inglês. A partir dos resultados alcançados através do período de aulas, além da análise dos questionários, pude perceber que memes podem ser trabalhados em uma aula de inglês mesmo que não tenhamos (infelizmente) acesso à internet e a smartphones na sala. Além disso, como as turmas são heterogêneas e únicas, apesar de, muitas vezes, encaixarmos os alunos de escola pública em uma só “caixinha”, não é possível prever de que forma esses memes serão vistos e analisados por eles já que, mesmo com o planejamento, é normal que o imprevisível aconteça.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memes; Multiletramentos; Ensino de inglês na escola pública.

### **1 INTRODUÇÃO**

Considerando dados do IBGE (2019), 70% da população brasileira possui acesso à internet e mesmo que um quarto da comunicação feita neste ambiente seja em língua inglesa, os internautas brasileiros não param de produzir e reproduzir conteúdo no espaço cibernético (XAVIER; MOREIRA DE SOUZA; OLIVEIRA, 2019). Tal situação resulta em uma total imersão em diferentes culturas, línguas e gêneros (hiper) textuais híbridos.

Memes são exemplos de um gênero textual híbrido pertencente à contemporaneidade. Eles servem como replicadores de ideias, posições e opiniões das pessoas que os produzem e compartilham (XAVIER; MOREIRA DE SOUZA; OLIVEIRA, 2019). Na maioria das vezes, são propagados em ambientes digitais, como as plataformas do Facebook, Twitter, WhatsApp etc. Mas nem sempre foi assim. O conceito de meme apareceu pela primeira vez em 1976, em um livro escrito pelo zoólogo Richard Dawkins, em que ele o conceitua como uma unidade cultural de transmissão que

---

<sup>1</sup> Thainná Melo Nunes; Universidade Federal de Sergipe. E-mail: thainna506@gmail.com.

se espalha de mente para mente; neste caso, o meme é visto como um gene da cultura (DAWKINS, 1976).

Se voltássemos dez anos, poderíamos observar quão rápida a nossa cultura digital<sup>2</sup> avançou a partir do desenvolvimento das tecnologias, especialmente as digitais. Essas mudanças atingiram não só a evolução dos equipamentos tecnológicos da última geração, mas também os comportamentos, as formas de interação na sociedade e como lidamos com memes.

Boa Sorte (2019) afirma que, diariamente, 20 milhões de pessoas interagem construindo umas das principais formas da narrativa atual da internet, os memes. Além disso, a ubiquidade<sup>3</sup> do uso da internet através dos nossos smartphones é um artifício que possibilita ainda mais o uso desse gênero textual em lugares como as salas de aula das escolas, por exemplo. Mas, será que esse tipo de texto chega nas salas de aula das escolas públicas de Sergipe? O que será que os alunos consideram memes? E, memes em inglês são realmente memes compartilhados ou compreendidos por esse público?

É considerando esse contexto que tracei o objetivo geral deste trabalho: analisar a utilização de memes nas aulas de inglês de uma escola pública da capital de Sergipe, considerando-o como uma forma de texto multimodal. Nesse percurso, busquei refletir sobre a relação dos alunos com a leitura de memes em inglês, já que, muito se discute sobre o tema na academia e pouco é trabalhado na educação básica. Para isso, foi necessário estudar a origem e os conceitos dos mesmos, ampliar as concepções de texto, abordar a multimodalidade dos memes e analisar os resultados do uso de memes na aula de inglês.

Para materialização do estudo, realizei uma pesquisa de natureza básica, que de acordo com Paiva (2019), tem por objetivo ampliar os conhecimentos científicos. Neste caso específico, ampliar os saberes científicos sobre o uso de memes na sala de aula de língua inglesa. Trata-se, ainda, de uma pesquisa prática, já que o intuito é intervir no contexto pesquisado, que neste caso é a sala de aula. A abordagem deste estudo é qualitativa, que segundo Flick (2007), tem o propósito de compreender, descrever e explicar os fenômenos sociais, a partir de diferentes formas, como por exemplo, análise

---

<sup>2</sup> “O que estamos denominando aqui de cultura digital ou cibercultura são as formas de usos e apropriações dos espaços virtuais feitos pelos sujeitos culturais.” (LUCENA, 2016, p. 282).

<sup>3</sup> Entende-se por ubiquidade: “[...] estar em toda parte ao mesmo tempo; onipresente. Ou seja, a ubiquidade resulta da integração dos sistemas e informações que esses processam. Assim, os dispositivos móveis geram a mobilidade e estes, por sua vez, permitem a ubiquidade.” (DIAS, 2010, p. 56)

de experiências coletivas e análise de documentos, como livros, artigos, imagens e revistas (PAIVA, 2019), ao invés de quantificar os dados encontrados.

O estudo partiu de uma proposta etnográfica que, de acordo com Telles (2002), é utilizada para tentar compreender os comportamentos e reações em um contexto social específico. No caso deste artigo, o propósito é descrever e interpretar as reações dos alunos ao participar das aulas de inglês fazendo uso de memes. Acredito que a partir deste tipo de pesquisa, é possível dar voz àqueles que são excluídos de várias maneiras, os alunos da escola pública. Em relação a isso, Moita Lopes (1996) afirma que é preciso que tenhamos cuidado para que nossa proposta não silencie aqueles que estão em posição de desigualdade, já que o pesquisador acadêmico é valorizado perante a sociedade.

Ainda, a etnografia foi adotada como forma de estudar descritiva e qualitativamente os grupos sociais escolhidos para minha pesquisa: alunos do 6º ano de uma escola pública da zona de expansão de Aracaju. A pesquisa de campo delineada enquanto etnográfica busca traçar um retrato do campo de estudo, usando a descrição como forma de relato, interpretando-o.

Para a realização desta pesquisa, os conceitos de memes são apresentados por meio de alguns autores, tais como: Boa Sorte (2019), Dawkins (1976), e Torres (2016). Ainda, relaciono as teorias dos multiletramentos por meio dos estudos de Lankshear e Knobel (2007), Menezes de Souza (2011), a fim de associá-los às concepções de meme e sua prática no contexto escolar do ensino de língua inglesa das escolas públicas.

O estudo foi realizado em uma turma de 6º ano de uma escola pública localizada em Aracaju, capital do estado de Sergipe, a qual é frequentada por alunos moradores das redondezas do local. Esta possui um sistema de ensino de tempo integral para os alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, além de turmas do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano no período matutino e vespertino. A escola ainda conta com aulas no período noturno, dando oportunidade àqueles que não podem estudar no período diurno. A turma escolhida continha cerca de trinta e cinco alunos e suas idades variavam entre onze e quatorze anos. As aulas aconteciam nas segundas-feiras e eram divididas em dois horários, no segundo e no último tempo.

A primeira aula foi planejada sem o contato prévio com a turma por conta do curto período de minha participação como pesquisadora, já que as provas finais estavam prestes a começar. Por conta disso, decidi que era necessário aplicar um questionário para obter mais informações sobre os alunos e sua relação com as tecnologias digitais, redes sociais e memes, além do contato com o inglês. Posteriormente, ministrei um conjunto de

três aulas, as quais envolveram a identificação do gênero textual meme, a leitura e a análise de alguns exemplos de memes, além da construção de memes. Ao finalizar, apliquei um questionário final com o intuito de investigar como os alunos se sentiram ao trabalhar com esse tipo de texto na sala de aula de língua inglesa.

Os instrumentos de coleta de dados foram, além da observação-participante, dois questionários semiabertos, além de gravações das aulas e os relatos registrados no diário de campo da pesquisadora.

## 2 O QUE SÃO MEMES?

O vocábulo meme foi inicialmente conceituado pelo zoólogo Richard Dawkins ao relacionar meme ao gene<sup>4</sup>, em seu livro “The Selfish Gene” (1976). Nesta relação, Dawkins percebeu que os seres eram capazes de herdar características não só biologicamente, mas através da interação e da reincidência de comportamentos. O autor afirma que o meme está vinculado à repetição de costumes em uma determinada cultura. Além disso, Dawkins (1976) assume que o sucesso de um meme é medido por meio de algumas categorias, sendo estas: fidelidade, fecundidade e longevidade. A fidelidade se refere a sua propagação de forma intacta em relação ao original e isso, afirma Knobel (2007), faz com que ele seja memorável. A fecundidade se refere à rapidez que o meme é propagado: quanto mais rápido ele se propagar, mais chances terá de ser mais replicado. A longevidade remete ao tempo de circulação do meme: quanto mais ele durar, mais chances terá de ser replicado, copiado e modificado.

O termo “viralização” dos memes também é emprestado da biologia. Este remete a algo que se espalha de maneira contagiosa, assim como um vírus. Tal como na definição de Dawkins (1976), um meme precisa evoluir para “sobreviver” e assim, cumprir o seu papel: viralizar. Para isso, é necessário que ele se adapte aos diferentes contextos, atraindo um número grande de replicadores: “um meme pode ser tudo, menos estático. Se não inovar na mensagem ou na forma, estará fadado ao esquecimento” (TORRES, 2016, p. 60).

Como já foi mencionado, um meme precisa ser replicado, conhecido, viralizado, para poder ser considerado um meme de sucesso. A exemplo disso, temos um dos bordões do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que ao iniciar seus discursos, utilizava a frase

---

<sup>4</sup> O gene é uma sequência específica de DNA responsável pela hereditariedade (SANTOS, 2019).

“meus companheiros e minhas companheiras”; o apresentador do programa dominical Domingão do Faustão, com o seu famoso “Ôh louco, meu!”; o slogan do ator Arnold Schwarzenegger, no filme *O Exterminador do Futuro 2*, “*hasta la vista, baby*”; e o provérbio popular “quem canta seus males espanta” que de tão antigo, nos remete a algum parente ou conhecido mais velho que uma vez ou outra, usa a expressão em alguma conversa; entre muitos outros presentes no nosso dia a dia.

Os exemplos citados nos mostram que o conceito de meme vai além de uma imagem engraçada. Aliás, este é apenas um formato dos milhares possíveis. Com o passar do tempo, os memes foram caracterizados como tudo que pode ser copiado e compartilhado de uma mente para outra, promovendo “ações-chave” em cada comunidade (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007). Adaptando-se ao ambiente digital, a definição de meme passa a ser uma unidade compartilhada e viralizada rapidamente através das mídias digitais (COUTO JÚNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019).

### 3 MEMES NA INTERNET

O avanço da web permitiu maior participação dos indivíduos em diferentes situações. A primeira fase da internet, conhecida como web 1.0, surgiu de forma estática, com poucos usuários, baixa interatividade e controle de informações, o que resultava em uma sociedade virtual passiva e sem muito poder de atuação. As publicações eram feitas apenas por sites comerciais exclusivos e os usuários eram meros espectadores, bastante semelhante ao contato com a televisão. Com o passar do tempo e o aumento de usuários, surge a web 2.0, termo utilizado para descrever a segunda geração da *world wide web*, a que possuímos ainda hoje, chamada também de web participativa, social. Nesta versão, através das plataformas interativas, é possível produzir e compartilhar conteúdo para uma grande quantidade de pessoas (SANTAELA, 2013).

Neste contexto, as nossas práticas sociais tradicionais se misturam com nossas práticas virtuais e tudo passa a ser feito com mais fluidez. Agora, milhares de perfis interagem diariamente nas redes sociais, criando novos modos de escrita e leitura, compartilhando ideias, comportamentos, pensamentos e artefatos culturais a partir de cada propósito social. Nós passamos de um consumo cultural online passivo para uma produção cultural democrática e ativa e isso é visto diariamente através da criação dos memes na internet.

De acordo com Gal, Shifman e Kampf (2015), o conceito de meme - tanto na era pré-digital quanto na era digital - está relacionado com o processo de (re)construção das normas sociais. Tudo que acreditamos, nossas ideologias, crenças, desejos etc. permeiam todos os textos que lemos, inclusive os memes, e essas ideologias podem ser reforçadas ou negociadas a ponto de transformá-las.

Em uma era de pós-verdade, fica cada vez mais complexo desvencilhar-se das próprias crenças; pois, segundo Santaella (2018, p. 04), “o monitor de nossos computadores é uma espécie de espelho unilateral que reflete tão só e apenas nossos próprios interesses, enquanto os algoritmos observam tudo o que clicamos”. A web semântica, mais conhecida como web 3.0, mostra-nos que agora os conteúdos estão muito mais personalizados para cada perfil. De acordo com Mansera (2015) *apud* Santaella (2018), as coisas que curtimos, pessoas que seguimos nas redes sociais, quem excluimos, nossos desejos, viagens, conversas por e-mail ou whatsapp, nossos comportamentos e, com isso, tudo que fazemos online está sendo monitorado e configurado através de algoritmos, a fim de promover um perfil digital que forneça tudo que o usuário acredite que seja importante. O problema é que essa personalização exclui uma série de informações, privando o nosso acesso a tudo aquilo que foge da nossa zona de conforto. O poder de crença existe bem antes da internet e ele, segundo Perosa (2017), nos faz refutar todas as ideologias contrárias às que acreditamos, levando-nos a aceitar apenas as que nos convém, ou seja, aquelas presentes nas nossas bolhas sociais e virtuais.

#### **4 ANÁLISE DE MEMES NAS AULAS DE INGLÊS**

Como foi mencionado anteriormente, esta pesquisa foi realizada em uma escola pública da capital de Sergipe, localizada no bairro Santa Maria, zona de expansão de Aracaju. As aulas tinham o objetivo de analisar como os alunos reagiam à introdução de gêneros textuais digitais híbridos, como os memes, nas aulas de língua inglesa, considerando-os como formas de textos multimodais. Os memes podem ser considerados como novas práticas de leitura e escrita, desde que eles sejam trazidos de forma contextualizada (XAVIER; MOREIRA DE SOUZA; OLIVEIRA, 2019). Para isso, utilizei alguns encontrados em páginas do Instagram<sup>5</sup> e sites estrangeiros e preparei uma

---

<sup>5</sup> É uma rede social que direciona seu foco para a publicação de fotos e vídeos.



sequência didática que incluísse a forma negativa do verbo “*to be*”, conteúdo exigido pelo professor responsável pela turma.

As aulas aconteciam nas segundas-feiras e eram divididas em dois horários, no segundo e no último tempo. Tive a oportunidade de lecionar três aulas, duas neste dia e uma na semana seguinte. A primeira aula tinha como objetivo geral fazer com que os alunos analisassem memes a partir do conteúdo, linguagem e público-alvo, o que adaptei das três categorias de Shifman (2013). Sobre isso, o autor apresenta maneiras de trabalhar com os memes em sala de aula a partir de três dimensões: conteúdo; forma e posicionamento. O conteúdo refere-se a temas e ideologias presentes no texto; a forma tem a ver com como as mensagens são compostas, se amadoras ou profissionais; o posicionamento refere-se à identificação do público-alvo e do criador (etnia, classe social, gênero, classe social, partido político etc.). Tal objetivo não foi totalmente alcançado por conta da pouca quantidade de tempo em comparação à quantidade de atividades que eu havia preparado.

Ao iniciar a aula, pedi para que os alunos definissem o que eles achavam que eram memes e as respostas podem ser resumidas como: “imagens com legendas engraçadas postadas na internet”. Para tentar ampliar a concepção, coloquei um áudio do meme “Olha o gás”<sup>6</sup> e perguntei aos alunos o que eles achavam que era aquilo. Em pouco tempo eles concluíram que era um meme, então, questionei-os porque aquilo era um meme já que não era uma imagem, seguindo a própria definição dada anteriormente e um aluno respondeu que esse áudio era famoso na internet porque era engraçado, então era um meme.

Após um tempo, os discentes chegaram à conclusão que não necessariamente os memes são imagens, que eles podem assumir vários formatos, contanto que sejam engraçados. Esse pensamento vai de acordo com as ideias de Knobel (2007), que afirma que o meme pode assumir qualquer formato e ter qualquer tema, seu principal objetivo é viralizar; por isso, um meme pode ser uma música, um provérbio popular, um estilo de roupa, um estilo arquitetônico, uma propaganda etc. Isso significa dizer que esse gênero não precisa necessariamente ser humorístico. Porém, a autora assegura que a comicidade é um dos elementos que contribuem diretamente para a fecundidade do meme.

---

<sup>6</sup> Mesmo não sendo um gênero digital, utilizei apenas para ampliar o conceito de memes.

A partir do que era dito pelos alunos, anotei no quadro quais características um meme poderia possuir. O aluno João<sup>7</sup> afirmou que um meme possui textos; perguntei que tipo de texto havia em um meme e ele respondeu: “ah, depende... tem imagem, figura.” Após essa resposta, percebi que parte da turma tinha consciência que o texto vai além do modo escrito. Em seguida, questionei a turma se as imagens e figuras eram textos e uma aluna logo respondeu: “sim, é um texto... visual, né?”

Em relação a isso, podemos afirmar que todos os textos são multimodais, ou seja, possuem mais de um modo, como por exemplo: imagem, vídeo, som e etc. Zacchi (2016) afirma que esses modos não funcionam de maneiras separadas, mas integralmente. O que significa dizer que nenhum modo é mais importante que outro. Nesse sentido, a imagem não está presente para complementar sentido do texto escrito.

Boa Sorte (2019), por sua vez, afirma que a edição de textos multimodais pode promover os multiletramentos, o que de acordo com Cope e Kalantzis (2008), diz respeito à escrita e leitura, que podem ser representadas de diversas formas, utilizando, por exemplo: gestos, imagens, sons, vídeos, símbolos etc. Rojo (2012 *apud* XAVIER; MOREIRA DE SOUZA; OLIVEIRA, 2019, p. 146) afirma que:

[...] trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação (‘novos letramentos’), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos.

Posteriormente, perguntei aos alunos se era possível construir sentidos através de um texto visual e a sala ficou dividida. Acredito que minha pergunta não tenha ficado clara para eles, então, para exemplificar, selecionei um meme impresso<sup>8</sup> e mostrei para a turma.

### Figura 1

<sup>7</sup> Todos os nomes adotados ao longo do artigo são fictícios, de forma a garantir o anonimato dos participantes.

<sup>8</sup> Decidi levar memes impressos para a aula pois, como foi comentado, eu não conhecia a turma antes de preparar o material, então não poderia ter certeza se teríamos celulares suficientes com acesso à internet.

"you are what you eat"

Me:



Fonte: <https://9gag.com/>

A imagem circulou toda a sala e antes de eu perguntar o que havia nela, alguns alunos se anteciparam: “eu acho que isso é um meme!”. Perguntei o que os alunos entendiam da imagem, prestando atenção nas características que tínhamos discutido há pouco. Eles responderam: “tem um texto”; “um personagem”; “é engraçado”; “tem figura” etc. Perguntei o que os alunos entendiam daquele meme, sem se preocupar com que estava escrito ainda e Clara disse que o cachorro gostava muito de sorvete. Maria falou que o cachorro poderia achar que era um sorvete. Outro aluno, João, disse que os donos do cachorro poderiam gostar tanto de sorvete e de cachorro que tiraram foto dele assim. E então, mostrei a eles que pelo menos três interpretações foram feitas só com a imagem, o que significaria dizer que era possível construir sentidos através da foto em si.

Logo após, fomos tentar traduzir o que o texto escrito dizia para ver se combinava com alguma das interpretações. Escrevi a frase no quadro para que eles pudessem visualizar melhor e tentei fazer uma tradução coletiva, pedindo para que prestassem atenção caso achassem que a frase estivesse na forma negativa. Vi que eles estavam com dúvida em como identificar e fiz um esquema no quadro mostrando a forma negativa do verbo “*to be*”, ao qual se acrescenta a partícula *not* depois do verbo, como por exemplo: You are *not* what you eat/ You are what you eat.

Após traduzirmos, perguntei aos alunos o que aconteceria com o sentido do meme caso o texto escrito fosse retirado ou a imagem e os alunos afirmaram que não iriam entender da mesma forma. Por fim, perguntei se os alunos conheciam aquele meme e se sim, onde tinham visto. Eles alegaram nunca ter visto este meme. Maria falou que isso pode ter acontecido porque ele estava na língua inglesa. Isso foi um entendimento comum a toda a turma; eles não eram costumados a interagir por meio de memes em inglês em suas redes sociais.

Na segunda aula, que aconteceu no mesmo dia, no último horário da manhã, às 10:40, era visível a agitação dos alunos e a vontade de ir para casa, comportamento aceitável depois de passar quatro aulas estudando disciplinas distintas. Como dito

anteriormente, não consegui fazer tudo que tinha proposto na primeira aula, então retomei do ponto que tínhamos parado. Após a análise em conjunto, pedi para que os alunos se dividissem em grupos de cinco e entreguei-lhes uma série de imagens impressas, diferentes para cada grupo. Então, pedi para que os alunos analisassem em grupo de acordo com as seguintes perguntas:

1. É um meme?
2. O que há na imagem?
3. Quem são os personagens?
4. Como eles são mostrados?
5. O que eles estão dizendo?
6. O que vocês entendem com isso?
7. Sem a imagem, vocês entenderiam da mesma forma?
8. E sem o texto escrito?
9. Você se identifica com a mensagem?
10. Ela é engraçada? Publicariam em suas redes sociais?

Enquanto os grupos analisavam os memes, João e seus colegas ficaram em dúvida se a imagem deles era um meme ou não. E o aluno em questão se recusava a acreditar que aquilo era realmente um meme, pois de acordo com ele, não era engraçado, nem era reconhecido pelo grupo, além de alegar não entender nada do que estava escrito. João continuava falando em voz alta: “Oxe, isso não é meme não!”. Ele repetiu isso diversas vezes. Quando os alunos começaram a analisar seus memes, ele continuava dizendo que aqueles memes em inglês, para ele, não eram memes. Naquele momento, eu não soube o que fazer, além de tentar guiar a análise e contornar a situação para que as apresentações pudessem seguir. Mas após refletir, percebi que a fala de João era coerente. Os memes analisados pelos grupos não faziam parte do repertório cultural da maioria dos alunos. Isso aconteceu porque eu, enquanto preparava o material, selecionei memes de sites estrangeiros, como o 9GAG: GO FUN THE WORD<sup>9</sup>.

Quando começaram a apresentar suas análises, pude observar que o fenômeno do dissenso de interpretações apontado por Menezes de Souza (2011) ocorreu. No momento em que o grupo três, formado por Maria e Luiza, descrevia a imagem, Maria disse que o meme (figura 2 abaixo) mostrava que o gato gostava muito de fins de semana

---

<sup>9</sup> Plataforma online que permite usuários de todo o mundo postar e salvar memes de temas e formatos diversificados. Disponível em: <<https://9gag.com/>>. Acesso em 10 de nov. 2019.

porque sabia que o dono poderia passear com ele ou ficar mais tempo em casa cuidando dele. Uma outra aluna, Júlia, contestou essa interpretação e perguntou se poderia dar outra opinião sobre a imagem. Maria ficou curiosa e pediu para que a colega explicasse antes mesmo que ela acabasse a apresentação, então, Júlia disse que, para ela, o gato representava as pessoas que gostam de fins de semana e por isso não queria deixá-lo ir embora, porque sabia que quando a semana começasse iria para a escola ou trabalho e não iria curtir.

**Figura 2**



Fonte: <https://9gag.com/>

Após apresentar sua análise, Maria me perguntou qual das duas interpretações estava correta, então, perguntei para a turma o que eles achavam que estava correto e a turma se dividiu. Revelei que as duas estavam coerentes e que não podia considerar nenhuma incorreta, porque houve apenas um dissenso de interpretações já que elas eram pessoas diferentes. As diferentes interpretações de texto podem ser expostas em sala como forma de demonstrar que os sentidos são construídos a partir do que vivemos. Nesse sentido, Menezes de Souza (2011) discorre sobre o dissenso constante nas interpretações de texto e com isso, a importância de “ler, se lendo”.

Precisamos educar para a diferença, preparar para o conflito, se não a gente vai entender que toda vez que surge uma diferença ela precisa ser eliminada. O educando deve perceber as consequências que suas interpretações e valores podem ter sobre o outro, que ele e o outro possuem interpretações e valores diferentes: essa é a dimensão ética (MENEZES DE SOUZA, 2011, p. 298).

Para o autor, não só o escritor, mas o leitor também constrói significados, e eles precisam ter consciência do motivo que os levam a produzir tais sentidos. Sobre essa questão, Jordão (2007) afirma que “tudo o que consideramos verdade ou mentira, acerto ou erro, são sempre leituras, interpretações localizadas e construídas cultural, social, historicamente.” (JORDÃO, 2007, p. 26). Por isso, a importância de ser consciente sobre as relações culturais no processo de construção de significados.

Na aula seguinte, fui surpreendida ao chegar na sala de aula e não encontrar o professor. A coordenadora da escola me explicou que ele não pôde ir e me perguntou se

eu gostaria de ministrar a aula mesmo assim; eu aceitei, porque senão não iria conseguir aplicar o conteúdo a tempo já que eles iriam fazer prova e entrar de férias na semana seguinte. Nesta aula, os alunos tinham como objetivo principal construir memes. A partir das respostas do questionário, pude notar que a maioria dos discentes possuía smartphones, o que facilitaria bastante a realização da atividade. Porém, ao perguntar quem tinha trazido celular para a escola, a turma disse que como não era permitido o uso na sala de aula e ainda, não era seguro sair de casa com o aparelho, a maioria tem optado por não levar para a escola.

Para iniciar a aula, fiz uma rodada de *hot potato*<sup>10</sup> para que os alunos relembassem o que havia sido discutido na aula anterior. Eles teriam que responder perguntas que abordavam o conceito de memes, redes sociais, processo de criação de memes, entre outras. A maior parte dos alunos participaram da brincadeira, mas alguns acharam que era “coisa de criança” e decidiram não participar.

Depois de revisar, pedi para os alunos formarem grupos e começarem a refletir sobre o que precisaríamos para construir memes. A partir das respostas dos alunos, montei um esquema no quadro que posteriormente, serviria como guia para eles. As respostas dos alunos foram, em sua maioria: internet; celular; imagem; legenda. Eu acrescentei mais algumas, como: contexto; tema; linguagem; rede social etc.

A ideia era que os alunos criassem os memes a partir das imagens impressas que eu tinha levado, mas caso alguém possuísse smartphone e quisesse fazer online, recomendei alguns sites geradores de memes<sup>11</sup>. Como poucos estavam com celular, eles preferiram fazer no papel. A legenda do meme tinha que ser em inglês e preferencialmente, conter frases utilizando o verbo “*to be*”. Cada grupo teve um dicionário para guiar suas construções. Quando eles fossem apresentar, os colegas teriam que avaliar o meme dos grupos em três categorias: criatividade; humor e replicabilidade. Neste último, sendo verificado se a turma se identificava com o meme exposto, ou seja, as chances de ele ser compartilhado e viralizado nas redes sociais daquele grupo. Porém, por conta do tempo, somente um grupo conseguiu fazer e nenhum conseguiu apresentar.

As aulas não ocorreram exatamente como havia planejado, algumas atividades não foram feitas e outras tomaram rumos não previstos. Por isso ressalto que a forma que

---

<sup>10</sup> É uma brincadeira tradicional que consiste em passar a “batata” (bolinha) enquanto uma música toca. Quando a música para em uma pessoa, esta é eliminada ou terá que pagar uma prenda. Na aula, os alunos teriam que responder algumas perguntas quando estivessem com a batata na mão.

<sup>11</sup> Gerador de memes. Disponível em: <<https://www.iloveimg.com/pt/gerador-de-memes>>. Acesso em: 10 de nov. 2019.

pensei em trabalhar na sala não pode ser vista como uma receita imutável para utilizar na escola pública já que os memes permitem que os professores utilizem um leque abrangente de tópicos, levando em consideração que esse gênero é bastante aberto. Como já foi dito, os memes são gêneros textuais híbridos, o que significa dizer que eles podem variar, abrangendo:

Discursos, falas, costumes, erros de arbitragem no futebol, furos jornalísticos, fatos engraçados, personagens políticos e até notícias de economia. Tudo que pode gerar interesse em uma dada rede de usuários pode ser fonte para criação de um meme. Os formatos também variam, desde imagens simples, montagens propositalmente grotescas, quadrinhos e tirinhas. (TORRES, 2016, p. 61).

O ideal é que a/o professor(a) reflita sobre as necessidades e preferências da turma, ou ainda, permita que os próprios alunos escolham os memes que eles utilizam em suas mídias sociais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo analisar de que forma os memes poderiam ser trabalhados nas aulas de inglês da escola pública, considerando sua multimodalidade. Minha intenção era, realmente, saber como discussões presentes em grupos acadêmicos poderiam ser postas em prática em um contexto social que não é tão favorável: a escola pública. Por isso, o primeiro desafio foi estudar brevemente o grupo social escolhido, alunos do ensino fundamental de uma escola pública na cidade de Aracaju. Era preciso saber se tais estudantes tinham acesso às tecnologias digitais e ao gênero textual digital híbrido, para assim, poder partir da realidade deles. Com base nos questionários aplicados, percebi que maioria da turma tinha acesso a smartphones e memes.

Porém, a turma confessou que apesar de ser familiarizada com o gênero meme, nunca tinha pesquisado memes em língua inglesa, o que gerou um estranhamento por parte da turma, fazendo com que alguns nem pudessem considerá-los memes. Como mencionado, tal fato ocorreu porque alguns grupos de estudantes não se sentiram representados com os memes já que os mesmos não faziam parte do repertório cultural deles. No momento da aula em que isso ocorreu, pensei que tivesse perdido a pesquisa já que aquelas reações não foram previstas no momento em que planejava o material didático, o que não é o ideal para pensar já que o imprevisível é a regra, não a exceção, especialmente quando se considere a sala de aula. Os resultados da pesquisa, ainda que

possamos antecipá-los, são verificados durante o seu andamento, como foi o caso desta experiência, e não algo antecipado. Nesse sentido, foi um grande aprendizado realizá-la e perceber que há a possibilidade de adotar memes nas aulas de língua inglesa e que tal uso pode promover ressignificações de leitura nas salas de aula da escola pública.

## REFERÊNCIAS

Acesso à internet chega a 70% dos brasileiros, diz IBGE. Disponível em: <https://www.portalt5.com.br/noticias/brasil/2018/12/170181-acesso-a-internet-chega-a-70-dosbrasileiros-diz-ibge>. Acesso em: 22 de ago. 2019.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Cidade: Artmed 2009.

BOA SORTE, P. Internet Memes: Classrooms Perspectives in the Context of Digital Cultures. **Educação & Formação**, v. 4, n. 12 set/dez, 2 ago. 2019.

COUTO JÚNIOR, D. R; POCAHY, F.; CARVALHO, F. Ensinar-aprender com os *memes*: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Periferia – educação, cultura & comunicação**, v.11, n.2, p. 17-38, maio/ago. 2019.

CHAGAS, V. *et al.* Political Memes and the politics of memes: A methodological proposal for content analyses of online political memes. **First monday**, v. 24, n. 2, 2019.

DAWKINS, R. *The selfish gene*. Londres: OUP, 1976.

DIAS, R. A. "Tecnologias digitais e currículo: possibilidades na era da ubiquidade." **Revista de Educação do Cogeime**, 2010.

FLICK, U. **Qualitative research designs**. Designing qualitative research. p. 109-114, 2007.

GAL, N; SHIFMAN, L; KAMPF, Z. "It gets better": Internet memes and the construction of collective identity. **New Media & Society**, 18, p. 1698–1714, 2016.

JORDÃO, C. M. O que todos sabem... ou não: letramento crítico e questionamento conceitual. **Revista Crop**, p. 21-46, 2007.

KALANTZIS, M; COPE, B. Language education and multiliteracies. **Encyclopedia of language and education**. 2. ed. Volume 1: Language Policy and Political Issues in Education, p. 195–211, 2008.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. Online memes, affinities, and cultural production. In: *A new literacy Sampler*: **Firstay Monday**. p. 199-227, 2007.

LUCENA, S. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 59, p. 277-290, jan./mar. 2016.



MACIEL, R. F; TAKAKI, N. H. Novos Letramentos pelos Memes: Muito além do ensino de línguas. In: de JESUS, D. M; MACIEL, F. R. **Olhares sobre Tecnologias Digitais: Linguagens, Ensino, Formação e Prática docente**. Campina, SP: Pontes Editores, p. 54-82, 2015.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. O Professor de Inglês e os Letramentos do Século XXI: Métodos ou Ética? In: JORDÃO, C. M; MARTINEZ, J. Z; HALU, R. C.(Orgs). **Formação (Des)Formatada: práticas com professores de língua inglesa**. São Paulo. Pontes: p, 279-303, 2011.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras. 1996.

MONTE MÓR, W. Sobre rupturas e expansão na visão de mundo seguindo as pegadas e os rastros da formação crítica. In: **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 263-276.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos acadêmicos**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PESSOA, R. R; SILVESTRE, V. P. V; MONTE MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras(es)**. São Paulo: Parábola, 2018.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTAELLA, L. A. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, V. "Genes"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.brhttps://brasilescola.uol.com.br/biologia/genes.htm>. Acesso em: 21 de dezembro de 2019.

SHIFMAN, L. Memes in a digital world: reconciling with troublemaker. **Jornal of Computer-Mediated Communication**, v.18, p. 362-377, 2013.

TELLES, J. A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem & Ensino**, Vol. 5, No. 2, p. 91-116, 2002.

TORRES, T. O fenômeno dos memes. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 68, n. 3, p. 60-61, set. 2016. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v68n3/v68n3a18.pdf>>. Acesso em: 20 de ago. 2019.

XAVIER, A. D.; DE SOUZA, E. L. M.; DE OLIVEIRA, S. B. A construção de memes como ferramenta de ensino de língua inglesa. **Periferia – educação, cultura & comunicação**. **Periferia**, v. 11, n. 1, p. 140-161, jan./abr. 2019

ZACCHI, V.J. Multimodality, mass migration and English language teaching. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 595-622, 2016.